Mosteiros

S. Martinho de Tibães

S. Martinho de Tibães foi, durante séculos, um dos mais influentes mosteiros do Norte de Portugal. Casa-mãe dos conventos beneditinos a partir do século XVI, assumiu-se como centro de excelência das artes e do pensamento estético português. Fundado há cerca de mil anos, o monumental edifício que nos foi legado é, no entanto, o resultado de obras e reconstruções feitas no período áureo do mosteiro como núcleo difusor de arte e cultura, nos séculos XVII e XVIII.
O mosteiro viveu, durante a sua longa existência, alguns períodos de obscuridade e mesmo de ruína e abandono. Com o fim das ordens religiosas, em 1834, foi encerrado e os seus bens vendidos. Há cerca de duas décadas, o Estado português tomou posse da parte privada do edifício, iniciando-se então importantes obras de restauro e reabilitação.
Nos belíssimos Mosteiro e Igreja de Tibães são visíveis marcas estilísticas que vão do maneirismo tardio ao rocaille. O claustro principal formado por arcos de volta perfeita, a enorme sacristia coberta por tecto de madeira pintada em forma de caixotões, as extraordinárias composições em talha rocaille, a escultura de Cristo crucificado, o coro alto com o bonito conjunto de cadeiras em estilo barroco, estão entre os muitos motivos de interesse para o visitante. No terreiro do mosteiro, está o cruzeiro de Tibães.

S. Pedro de Arouca

Fundado no século X, foi a partir do século XIII que o Mosteiro de Arouca se afirmou como uma das casas da ala feminina da Ordem de Cister. Para isso contribuiu a influência e a herança deixada
por uma das filhas do rei português D. Sancho I, Dona Mafalda, que escolheu Arouca para ingressar na vida religiosa.
Extinto em 1836, com a morte da última freira, o valioso espólio artístico do mosteiro está preservado e pode ser visto no seu Museu de Arte Sacra. Famosa e gulosa herança do labor das monjas ao longo dos séculos é o receituário conventual, com doçarias que fazem perder
a cabeça a um santo.

O actual edifício do mosteiro, construído nos séculos XVII e XVIII, caracteriza-se por uma grande sobriedade, em obediência à filosofia cisterciense, o que não deixa de ser relevante em plena época de afirmação do barroco. Para além da obrigatória visita ao Museu de Arte Sacra, onde se podem ver esculturas góticas, uma Santa Mafalda feita para a arca tumular e uma singela e bonita obra de ourivesaria do século XIII, há outros motivos para uma visita demorada e atenta: as capelas no interior da igreja, uma delas com a urna de Santa Mafalda em ébano e decorada com prata e cobre; a talha do varandim do órgão; os 104 assentos do cadeiral barroco; as extraordinárias imagens de santos; ou o claustro de dois andares. Os doces das monjas de Arouca Pão de São Bernardo, partido à mão para preservar a sua delicadeza; morcelas doces, feitas com massa de miolo de pão e amêndoa enfiada em tripa, e daí o nome que lhe dão; roscas de amêndoa; castanhas doces; manjar de língua. Doces conventuais legados pelas monjas cistercienses do Mosteiro de Arouca, que ainda hoje fazem a fama da vila e o proveito de quem os come.

Arouca, vila doce, não se contenta com os doces conventuais. A tradição popular também se encarregou de continuar os dotes das monjas, com o famoso pão-de-ló húmido, os melindres, as cavacas, os charutos de amêndoa ou as barrigas de freira.

S. Bento

Localizado no centro de Santo Tirso, o Mosteiro de S. Bento deve a sua fundação à iniciativa de um senhor local, no último quartel do séculoX.
A partir de finais do século seguinte, passa a obedecer à regra beneditina, afirmando-se como um dos mais influentes e poderosos de Portugal.
Depois da extinção das ordens religiosas, em 1834, o convento, já secularizado, e as terras envolventes constituem o embrião do futuro concelho de Santo Tirso.
Com excepção de algumas lápides, originárias do século XII, já nada resta das edificações mais antigas. Mas a arquitectura, a talha e a obra escultórica que nos foram legadas, datadas sobretudo dos séculos XVII e XVIII, têm um valor inestimável. A igreja do convento foi erguida ao longo de vinte anos, entre 1659 e 1679. O interior do templo tem um ambiente mágico, muito por causa da sumptuosa talha trabalhada ao gosto rocaille e da cobertura em abóbada de berço alindada com trabalhos em estuque. Os altares, as esculturas barrocas, a Sagrada Família, a escultura da Virgem com o Menino ou o bonito cadeiral do coro, reclamam o nosso olhar atento.
No mosteiro, os destaques vão para a capela monástica, as galerias seiscentistas, o claustro do século XIV e, no centro deste, para a elegante fonte em granito datada de 1649.

Jesuítas de Santo Tirso
Quando se fala em doçaria tirsense, não são os monges do Mosteiro de S. Bento os referidos habitualmente pelos estudiosos da gastronomia conventual, mas sim as freiras beneditinas do Mosteiro de Santa Escolástica, em Roriz, a quem se atribui a confecção de deliciosas bolachas conventuais. O Mosteiro de Singeverga, ali próximo, anda associado a um famoso licor com receita secreta e secular.
Mas a doçaria tradicional de Santo Tirso, talvez inspirada pela herança
religiosa, é famosa por uma especialidade muito procurada: os jesuítas, um pastel em forma de quadrilátero irregular que sai às centenas em casas como a Pastelaria Moura, bem no centro da cidade. Na Confeitaria S. Bento, a sugestão é que prove a Tarte de S. Bento.

S. Miguel de Refóios

Belo exemplar da arquitectura barroca, o Mosteiro de São Miguel de Refóios está no coração da vila de Cabeceiras de Basto. Foi, nos seus melhores tempos, um dos ricos conventos minhotos, estando a data da sua fundação rodeada de lendas e alguma polémica, crendo-se que possa ter sido criado no século VII por ricos-homens das terras de Basto. De obediência beneditina, acabaria por ser alvo de reconstrução completa no século XVII, com obras que se prolongaram até finais da centúria seguinte. Foi nessa altura que o mosteiro ganhou a forma que acabaria por chegar até aos nossos dias.
Na igreja do mosteiro destacam-se duas imponentes torres sineiras, estátuas em tamanho natural do fundador da Ordem de S. Bento, São Bento de Núrcia, e de Santa Escolástica. Dignas de ver são as figuras demoníacas e as impressivas carrancas que se alinham a seguir à entrada da igreja, a magnífica talha com alguns efeitos surpreendentes, a sacristia setecentista, as quatro galerias do claustro construídas em arcos plenos assentes em colunas dóricas e o grande
cadeiral formado por 45 assentos. Muito curioso é o contraste entre a exuberante estética barroca da igreja e as sóbrias dependências conventuais, adequadas à introspecção e ao recolhimento.

Convento de S. Gonçalo

Para além das virtudes próprias, o Convento e a Igreja de São Gonçalo, com a ponte sobre o Rio Tâmega, o casario e o centro histórico de Amarante, integram um dos cenários urbanos mais encantadores da região. Mandado erguer em honra do santo padroeiro da terra, o Convento, de obediência dominicana, e a Igreja começaram a ser erguidos em meados do século XVI, era rei de Portugal D. João III.
De todo o património edificado é, seguramente, o símbolo maior da bela cidade de Amarante.
De pendor maneirista, a construção, que se prolongou por oito décadas, foi influenciada pelo barroco de seiscentos, como se pode ver no portal que alberga essas duas linguagens arquitectónicas. A torre sineira, por seu lado, é barroca. Um dos muitos motivos de interesse encontra-se na chamada Varanda dos Reis, constituída por arcos apoiados em fortes pilares, com
estátuas dos quatro reis que se associaram à obra, desde D. João III até Filipe II de Espanha.

No interior da igreja, destacam-se altares como o de Santa Luzia ou capelas como a dedicada a Santa Rita Cássia, ornada com talha dourada. O retábulo-mor, com imagens barrocas de santos, a sacristia coberta de caixotões, o belo lavabo da Renascença ou, nas antigas
dependências conventuais, o primeiro claustro, são dignos de ser apreciados.Os doces das monjas Clarissas
A gastronomia é uma das atracções de Amarante. São famosos os doces conventuais feitos à base de ovos, nascidos da sabedoria culinária das antigas monjas Clarissas, ligadas ao Convento de Santa Clara. Papos de anjo, foguetes, lérias e brisas do Tâmega são algumas das deliciosas especialidades açucaradas vendidas nas melhores pastelarias da cidade.
Mas as Clarissas não se limitaram a deixar como herança os doces conventuais; o substancial arroz de frango, por exemplo, terá nascido do seu requintado modo de tratar as aves de capoeira.

Sta Maria de Refoios

Mosteiro com grande carga histórica, ligado a episódios que levariam à fundação de Portugal, no século XII. O seu mentor, o fidalgo D. Afonso Ansemondes, senhor das terras de Refojos, mandou-o erguer em honra da Virgem e destinou-o aos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, agradecido pelas vitórias militares que obteve.
O magnífico edifício conventual e a igreja que hoje podemos admirar resultam de obras que decorreram
desde o século XVI e que terminaram com a adaptação, há poucos anos, do antigo mosteiro para a actual Escola Superior Agrária.
A transformação do antigo mosteiro em escola, da responsabilidade do arquitecto Fernando Távora, merece tanta atenção como todo o legado arquitectónico.
O mosteiro, imponente edifício de cor ocre integrado numa bela paisagem rural na margem direita do Rio
Lima, proporciona uma viagem por diferentes estilos: barroco, renascentista, rococó, neoclássico, acabando
nos novos edifícios modernistas, construídos à parte, formando um todo harmonioso.
Entre outros motivos de interesse para o visitante, destacam-se, além da igreja, o claustro, a cozinha velha do mosteiro com a sua grande chaminé, a sala de música com um bonito tecto de estuque, o refeitório, ou os aposentos do prior forrados com azulejos.

Outros locais a visitar em Refóios do Lima
Tal como o seu mosteiro, a freguesia de Refóios do Lima está carregada de história. Locais que merecem visita: a capela românica de Santa Eulália; a Capela de São Sebastião; a Torre-Solar dos Ansemondes, fundadores do mosteiro (mais tarde Torre dos Malheiros, como é conhecida); o Penedo de S. Simão, sepultura granítica rodeada de lendas; a praia fluvial; o miradouro da Vacariça.